

CAPÍTULO 4

O BAÚ

Data de aceite: 01/06/2023

Angela Maria Rocha

Minha mãe tinha um baú. Desses antigos, grandes e pesados. Dentro dele, ela guardava... sua felicidade.

Ali estavam peças de enxoval, lençóis bordados, toalhas com detalhes em renda, vasos de cristal e estatuetas de marfim. Tudo embalado e guardado com cuidado e carinho.

Minha alegria era participar com ela dos raros momentos da abertura do baú. Tarefa executada algumas vezes por ano, para evitar o mofo e realizar a limpeza. Lembro que adorava ver todas aquelas coisas bonitas espalhadas em cima da cama.

A cena sempre se repetia. Eu olhava e mexia em tudo. Ela ficava atenta para que eu não estragasse nenhuma daquelas relíquias herdadas de parentes que nunca conheci.

Nessas ocasiões, eu sempre fazia a mesma pergunta e ouvia a mesma resposta.

— Por que não tiramos tudo do baú para usar? — perguntava. E ela respondia:

— Só vou abrir o baú no dia que tiver a minha casa e for feliz.

Eu era muito criança para saber expressar o quanto aquela frase me incomodava.

— Como assim? Minha mãe não é feliz? E essa não é a casa dela?

O tempo foi passando, muita coisa acontecendo e o baú continuava intocado. Minha mãe se separou, trocamos de endereço umas duas ou três vezes. E o baú sendo carregado de um lado para o outro, sempre fechado.

Quando eu já estava na faculdade, finalmente aconteceu: minha mãe comprou a “sua casa”. Um apartamento de dois quartos no bairro do Andaraí.

Vi o baú da felicidade da minha mãe entrando triunfante pela porta da sala.

Esperava ansiosa pelo momento de ver todas aquelas peças sendo manuseadas e vistas por todos. Havia um simbolismo muito forte envolvido com aquele baú. Um sonho quase infantil de

felicidade. Agora, tínhamos a casa e estávamos ambas muito felizes!

Mas, enquanto eu sonhava com o grande dia, o universo tinha outros planos. Poucos meses depois, na casa nova, minha mãe levou um tombo. Surgiu um caroço, ela fez uma biópsia e foi diagnosticada com um câncer, que a levou menos de um ano depois. E o baú ficou ali, esquecido entre os muitos tratamentos e internações hospitalares.

Depois do seu enterro, voltei para casa sozinha. Dei de cara com aquele baú e senti muita raiva dele. Na pouca maturidade dos meus vinte anos de idade, ele era culpado de tudo. Para mim, era o algoz da nossa vida. Estava tudo despedaçado, menos ele.

Abri-o e coloquei tudo para fora. Poucas peças tenho até hoje. Todo o resto coloquei para uso ou doei.

Quis libertar a felicidade dela. E agora, quando escrevo essas histórias e as divido com vocês, sinto que é o meu “baú” que está sendo aberto. E é a minha felicidade que está voando solta por aí.